

OS PROBLEMAS FILOSÓFICOS COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Sua Contribuição para Estimular o Pensar Crítico

Paula Luana Oliveira¹
Susana Schneid Scherer²
Leandro Schuck³

RESUMO

Este artigo busca investigar a contribuição do uso de problemas filosóficos como metodologia de ensino na Educação Básica para estimular o pensar crítico. É uma pesquisa bibliográfica e baseou-se na metodologia qualitativa crítica reflexiva. Os objetivos específicos que orientaram o processo de coleta de dados e análise foram três pontos: 1) a realidade da filosofia na escola, situando de que modo o pensar filosófico pode ser trabalhado nesta modalidade de ensino; 2) a filosofia nos diferentes espaços das práticas educativas, utilizando os problemas filosóficos e 3) pensando numa metodologia sistematizada, tomando os educandos como protagonistas deste processo. Na primeira parte da pesquisa fundamentou-se a realidade do tratamento da filosofia e a importância do pensar ser desenvolvido na escola. Mais adiante verificou-se a necessidade de prática docente preparada para a inquietação, o novo, o questionar em que o próprio professor exerce o filosofar, para o que o uso dos problemas filosóficos sirva de ferramenta. Por fim, abordou-se uma metodologia de ensino baseada nos problemas filosóficos e se analisou as suas contribuições para a formação de alunos. Concluiu-se a pesquisa reconhecendo que uma educação crítica é necessária na Educação Básica, e os problemas filosóficos são um método rico e possível para estimular experiências para desenvolver o pensamento autônomo e reflexivo dos estudantes.

Palavras-chave: problemas filosóficos; ensino de filosofia; metodologia de ensino; educação crítica.

PHILOSOPHICAL PROBLEMS AS A TEACHING METHODOLOGY IN BASIC EDUCATION: A REFLECTIVE AND PURPOSEFUL CRITIQUE OF ITS POSSIBILITIES

ABSTRACT

This paper aims to investigate the contribution of the use of philosophical problems as a teaching methodology in basic education. This research was bibliographical and used the reflective critical qualitative methodology. The main specific objectives to guide data collection and three-point analysis: 1) the reality of philosophy at school, situating how philosophical thinking can be worked in this modality of teaching; 2) the philosophy in the different spaces of educational practices, using philosophical problems; and 3) thinking about a systematized methodology, taking the students as protagonists of this process. In the first part of this research, the reality of the approach of philosophy was founded and the importance of the thinking to be developed at school. Forward, there was a need for teaching practice prepared for the restlessness, the new, the questioning in which the teacher himself exercises philosophizing, so that the use of philosophical problems can serve as a tool. At last, a teaching methodology based on philosophical problems was addressed and their contributions to the training of students. The research concluded, recognizing that critical education is important in basic education, and philosophical problems are a rich and possible method for the experience of autonomous and reflective thinking.

Keywords: philosophical problems; teaching of philosophy; teaching methodology; critical education.

Submetido em: 10/10/2022

Aceito em: 10/7/2023

Publicado em: 20/2/2024

¹ Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. Novo Hamburgo/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8880-5767>

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Cascavel/PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1783-7846>

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2565-031X>

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa problemáticas sobre o ensino de filosofia. Por se tratar de um tema que concentra diversos posicionamentos e perspectivas sobre formas e metodologias de ensino, reconheceu-se a necessidade de analisar uma proposta educacional para estimular o pensar crítico a partir da filosofia na Educação Básica, e, então, chegou-se à ideia de apresentar uma crítica reflexiva e propositiva sobre uma metodologia de ensino baseada nos problemas filosóficos nesse nível de ensino.

Tendo em vista esse propósito, levantou-se como problemática central: Qual a contribuição dos problemas filosóficos como metodologia de ensino para estimular o pensar crítico na Educação Básica? Estabeleceu-se como objetivo geral investigar a contribuição dos problemas filosóficos como metodologia de ensino para estimular o pensar crítico na Educação Básica.

Como objetivos específicos da pesquisa alinhou-se: 1) Contextualizar a abordagem da filosofia na Educação Básica, e de que modo o pensar filosófico pode ser trabalhado nesse nível; 2) Analisar perspectivas que subsidiem uma prática educativa para estimular o pensar crítico, por meio do uso dos problemas filosóficos e 3) Apresentar uma metodologia de ensino baseada nos problemas filosóficos e analisar sua contribuição para estimular o pensar crítico na Educação Básica.

Para orientar a pesquisa utilizou-se a perspectiva da metodologia de pesquisa qualitativa crítica e reflexiva (Carspecken, 2011; Martins, 2004) e a técnica de pesquisa bibliográfica como base para a coleta de dados. Foram realizadas pesquisas, especialmente nas plataformas – bases de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO) e do Google Scholar, e selecionadas aquelas que tratassem e abrangessem cada uma das três grandes temáticas previamente delimitadas a partir dos objetivos específicos.

Feito isso, foram registradas questões importantes em cada problemática, para, por fim, realizar a análise relacional sobre o uso dos problemas filosóficos como metodologia de ensino na Educação Básica.

A organização deste texto está dividida em três seções. Na primeira parte, sobre o pensar filosófico na Educação Básica partindo da realidade, apresenta-se a preocupação em problematizar o tipo de prática metodológica que se encontra na realidade educacional a qual distância do real objetivo e intervenção dos conhecimentos filosóficos. Questiona-se, desse modo, o modelo de ensino e de formação escolar tradicional, e, em que medida ele é compatível com o desenvolvimento do pensar em que a filosofia sustenta seu objeto. No decorrer das reflexões apresentadas, nesta parte da pesquisa, aborda-se a construção do saber como processo, sem definições prontas. Por isso, defende-se a mobilização da filosofia como ferramenta para fomentar o estímulo ao pensar (Gallo, 2016). E juntamente com Cerletti (2009) e Silveira (2011) teremos outros apontamentos de como a filosofia pode questionar e impactar realidades da Educação Básica.

Na segunda seção, sobre a filosofia e as práticas educativas: o uso dos problemas filosóficos, defende-se o pensar filosófico na Educação Básica como atitude inerente à formação e à prática pedagógica do professor, a partir de Saviani (1990, 1996), Silveira

(2011), Fávero *et al.* (2004) e Fávero e Toniato (2009), como agente social primordial para estimular o pensar, problematizando a realidade de mundo e do aluno, como propõe a perspectiva do que Gallo (2007; 2008; 2011) tem chamado de problemas filosóficos.

Por fim, a última seção apresenta uma proposta de metodologia de ensino a partir dos problemas filosóficos. As reflexões são abordadas baseadas em autores como Silveira (2011), Gallo (2007, 2008, 2011), Araújo (2020), Saviani (1973, 1991), Severino (2015), Galeffi (2013), Barbosa (2008), e Tomazetti (2012), buscando analisar a organização dessa proposta, provocativa para estimular o filosofar, indo além de conteúdos e conceitos amplos trazidos de forma passiva e desconexa da realidade do aluno, na tentativa da formação de sujeitos que ao perceberem problemas filosóficos em seu contexto pensem criticamente acerca deles.

O PENSAR FILOSÓFICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PARTINDO DA REALIDADE

Para início de discussão, parte-se do contexto brasileiro em que o ensino de filosofia é historicamente alvo de desafios a respeito de sua presença e importância, ou não, na escola. Analisando-se o curso da História, constata-se sua ausência, por exemplo, no Ensino Médio do Brasil no período da ditadura militar, uma vez que naquele período temia-se que os estudantes manifestassem posicionamentos críticos, e se negava uma formação de jovens questionadores que poderiam não acatar as ordens impostas, gerando uma possível movimentação estudantil.

Muito desse embate continua até hoje no campo da filosofia, e por defendermos a relevância dos conhecimentos filosóficos para a sociedade, nós, como educadores, precisamos reconhecer a importância e os desafios para ensinar filosofia. Ou seja, precisamos conhecer concepções e abordagens metodológicas para inserir a filosofia, desenvolvendo a história da filosofia e seus conceitos centrais e relacionando-os a temas no contexto em que os alunos se inserem.

Podemos evidenciar essa preocupação na fala de Gallo, em entrevista a Benetti e Tomazetti (2016, p. 104), quando ele afirma que:

A ideia é a de mobilizar a filosofia como ferramenta conceitual para enfrentar os problemas vividos pelos estudantes, buscando na história da filosofia estes aportes conceituais. Não pretende ser uma apresentação histórica das ideias, mas não pode prescindir das ideias e conceitos historicamente produzidos, que podem nos servir como ferramentas para enfrentar os problemas que experimentamos. É uma aposta, portanto, numa filosofia ativa, experimental, que precisa ser experimentada pelos estudantes e por isso eles precisam ser sensibilizados para os problemas.

Desta forma, entende-se que é importante a uma proposta de ensino de filosofia a transposição didática de conceitos já existentes e historicamente construídos na área, mas em acordo com a realidade dos alunos e do papel da Educação Básica.

Em nosso percurso de estudos e discussões identificamos uma preocupação bastante evidente a respeito de abordagens e metodologias do ensino de filosofia que não estimulam o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, por reproduzir o óbvio, menosprezar a manifestação e a ação questionadora, e não se desacomodar e

provocar o pensar, e que acabam por fim se afastando do real propósito e objetivo dos conhecimentos filosóficos na Educação Básica, como aponta Cerletti (2009).

Um dos grandes desafios para ensinar filosofia refere-se ao modelo de formação escolar baseado na leitura de livros e textos didáticos, seguidos do preenchimento de questionários prontos, os quais cabe ao professor corrigir e devolver a tarefa ao aluno, porém o objeto da filosofia, e, por conseguinte, de sua aprendizagem, não é predeterminado. Essa prática de ensino precisa ser questionada e pensada para saber se, de fato, ela mesma e em sua generalidade, atendem a que modelo de sociedade e que tipo de alunos forma e qual outro papel pode vir a desempenhar e servir.

Se partirmos da definição dada por Deleuze e Guattari (1992) o ensino de filosofia é uma atividade de criação de conceitos. Então, se a consideramos como atividade não se refere a uma forma de transmissão estática e linear. Deve-se pautar em um tipo de atividade de ensino criativa, contextualizada e de viável compreensão, com formas de sensibilização, possibilitando e incentivando a sua problematização.

Percebemos, assim, que os ensinamentos de filosofia em suas preocupações educativas se articulam ao pensar filosófico, e não têm em vista apenas transmitir uma informação na forma de um pensamento pronto e definitivo, mas, mais do que isso, uma prática educativa em que o discurso é uma linguagem, e não somente palavra e tem capacidade de ação. Pressupõe um modo de ensinar capaz de persuadir o educando que lê, ouve e reflete criticamente sobre si e o mundo no qual vive e, até mesmo, em formas de como transformá-lo.

Trata-se de uma perspectiva de ensino que reconhece o pensamento como atividade fundamental para o desenvolvimento humano, que como sujeito pensante se diferencia da espécie animal e permite formas de pensamento que se distanciam do senso comum, do natural e neutro, sem criticidade e como pensamentos tradicionais. Esse rompimento pode acontecer por meio de ferramentas e metodologias de ensino da filosofia em sala de aula fomentadas pelo professor, pois

sem esse dialógico cultural, corre-se o risco de que as discussões em sala de aula se convertam em meros bate-papos superficiais e inconsequentes, que até podem ser respeitosos, animados e prazerosos, porém, que são incapazes de conduzir a uma renovação crítica do senso comum (Silveira, 2011, p. 149).

Uma das visões sobre as formas de transposição da filosofia defende o seu ensino como a de criação de conceitos que deem conta de seus problemas, não havendo cisão entre filosofia e filosofar. Para isso, o ensino de filosofia é compreendido sobre um objeto, o pensamento, que nos permite compreender porque o assunto de que se ocupa é de interesse de todos, posto que todos pensam e, deste modo, podem exercer o filosofar. Muitas vezes, porém, o que se vê é seu ensino abrangendo um formato traduzido pelo docente desde sua Graduação, o qual reproduz essa ideia por meio de aulas expositivas, leitura e estudos de textos clássicos de forma exegética, que podem tornar difícil a sua compreensão, e o conseqüente desinteresse dos alunos. Isso quando não assume um espaço exclusivista, em que os discentes falam o que pensam sem argumentos coerentes e alinhados com as fontes teóricas, sem maior debate crítico.

Para Platão (1971), é verdadeiramente de um filósofo este *páthos* – o espanto, pois não há outra origem imperante da filosofia do que este. Ao mesmo espanto e provação refere-se Aristóteles (1984) ao dizer que “pelo espanto os homens chegam agora e chegaram antigamente à origem imperante do filosofar” (p. 21). Levando em conta o pressuposto de que a filosofia pode contribuir para uma melhor organização do processo educativo, para que isso ocorra entendemos que é preciso necessariamente que se problematize os temas estudados à medida que eles são levantados para reflexão, promovendo o desenvolvimento da reflexão que, por sua vez, amplia novos problemas que continuam requerendo a contribuição da filosofia.

Evidentemente, esse comportamento filosófico tende a trazer consigo dificuldades, ao distanciar-se do modelo tradicional de educação, e é incômodo, trabalhoso, e pode causar conflitos a partir de novas visões e formas de pensar as coisas e o mundo. Especialmente por se deparar com inúmeros problemas complexos e que não são de fácil resposta, como a pobreza e a desigualdade social. Por ser algo novo e instável exige dos envolvidos neste processo a abertura para se desacomodar e assumir a necessidade de problematizar a realidade. Esta busca, no fundo, tende a sempre nos deixa incertos, pois é impossível conhecer e compreender tudo, e, pelo contrário, é preciso se entender que os problemas, dúvidas e incertezas são necessários, e,

no fundo, a pergunta filosófica pressupõe uma espécie de “sei que nada sei” sócrático como ponto de partida para a busca do saber. Em outras palavras, ela exige humildade para reconhecer a própria ignorância e, a partir do incômodo gerado por esse reconhecimento, buscar sua superação com coragem e determinação (Silveira, 2011, p. 143).

Acredita-se em uma linha educacional em que os alunos sejam estimulados a novos significados acerca de problemas em seu cotidiano, ajudando-os a trilhar novos caminhos, incentivando e propiciando a eles uma forma de pensamento que transponha costumes e preconceitos, entendendo suas realidades e organizando outras formas de vida mais inclusivas.

Para tanto, muitos fatores envolvem uma prática que pretende desenvolver o pensar crítico na Educação Básica, entre eles a formação de professores para transpor a filosofia. Mesmo que existam cursos de Licenciatura em Filosofia e de Pedagogia debatendo metodologias de ensino para uma educação crítica, muito tem-se ainda a aprimorar no sentido de uma formação que contemple outra prática educacional, contextualizada, e que vá além do modelo tradicional de ensino, pois segundo Fávero *et al.* (2004, p. 260), “não haveria suficientes professores formados para fazer frente às novas exigências da obrigatoriedade da disciplina”.

Em razão das complexas realidades e a grande necessidade de repensar o modelo tradicional de ensino, pautado na transmissão do conhecimento, acredita-se no desenvolvimento de uma consciência pedagógica para a perspectiva aqui defendida: a filosofia como algo vivo para o estímulo constante a um processo de pensamento.

Buscando defender uma filosofia experimental e ativa, como já mencionado anteriormente, fala-se sobre movimentar, transformar. Entende-se então que esse

movimento acontece mediante uma potente ferramenta filosófica que não se trata apenas do pensar crítico, mas bem mais do que isso na prática: o enfrentar.

A função do ensino não é enfadonhamente reproduzir saberes sem contextos e pretextos, [...] mas buscar todas as formas e modos para produzir novos cientistas, novos pensadores e sujeitos autônomos diante do saber e do fazer humanos, recriando, inovando e reconstruindo o conhecimento (Rodrigues; Souza; Ribeiro; 2020, p. 11).

Acredita-se assim, nessa perspectiva de ensino, que o foco não está apenas em uma parte do processo educativo na Educação Básica, dado que sobretudo é tomado como interdisciplinar e que perpassa e interliga as diversas esferas que permeiam a Educação Básica. Por ocorrer de maneira interligada, precisa constantemente de reflexões (um filosofar) que acolham e ultrapassem a diversidade e problemas relativos aos contextos dos discentes.

A FILOSOFIA NA PRÁTICA EDUCATIVA: O USO DOS PROBLEMAS FILOSÓFICOS

Após discutirmos que não é possível obter uma resposta única e universal sobre o que é filosofia, e compreendermos que o seu objeto não é predeterminado e volta-se ao estímulo do pensamento, ou seja, “o objeto da Filosofia é o problema entendido como algo que não se conhece” (Saviani, 1990, p. 4), surgem questionamentos sobre como, então, pode-se orientar uma prática docente para o ensino de filosofia e estímulo do pensar? Qual deve ser a forma de abordagem e método de ensino a ser usado pelo professor para uma intervenção filosófica que estimule o pensamento?

É importante, antes de tudo, a prática docente refletir sobre o que é pensar filosoficamente. O professor é o agente primordial para ensinar filosofia, e ele próprio precisa exercitar o filosofar. Esse debate permeia problemáticas de cunho pedagógico, filosófico e político. Faz-se necessário um espaço de reflexão sobre o que a filosofia possibilita para o professor no desenvolvimento do processo educativo, que é ir além da transmissão de conhecimentos preestabelecidos e estimular a autonomia dos sujeitos como seres sociais e culturais. Tal estímulo requer uma prática docente preparada para a inquietação e o questionar, mas, historicamente, vê-se desafios na formação de professores, seja em cursos de Pedagogia, seja em Filosofia, no Brasil.

Segundo Severino (2000) e Tomazetti (2003), a abordagem da Filosofia da Educação nos cursos de formação docente chegou ao Brasil cheia de impregnações ideológicas, com viés dogmático e autoritário. Seu desenvolvimento não ocorreu trazendo o pensar crítico, questionador e reflexivo, era apenas uma área de conhecimento para ensinar, transmitir a história, autores, temas clássicos da filosofia. Assim, não há, historicamente, uma cultura investigativa na formação docente, por isso, conseqüentemente, os professores, muitas vezes, em sua sala de aula apenas reproduzem esse ciclo nas suas práticas de ensino-aprendizagem, nos espaços de formação continuada e até mesmo na formação de novos docentes.

Ao analisar a contribuição da prática de filosofar para a formação e a prática docente, Saviani (1996, p. 29) destaca sua função reflexiva, de modo que

a Filosofia da Educação só poderá prestar um serviço à formação dos educadores na medida em que contribuir para que os educadores adotem esta postura reflexiva para com a problemática educacional. Se, ao contrário, nós, enquanto educadores, nos limitarmos a tomar conhecimento de determinados resultados a que se chegou a partir de determinadas reflexões, então não estaremos desenvolvendo a reflexão filosófica propriamente dita.

Tanto na formação como no desenvolvimento da prática educativa a Filosofia da Educação pode ser uma potência criativa, e deve ser estudada com postura criativa e produtora de conhecimentos, estimulando novas dimensões, cenários e conceitos, e não apenas de forma reativa e reprodutivista, na compreensão de Gallo (2007). É a postura reflexiva que permite ao professor pensar e repensar sua prática pedagógica, intencionalizar suas propostas e ações, questionar conceitos e concepções de ensino, analisar a relevância dos conteúdos e as formas de abordá-los, considerar a consonância com a realidade de vida dos alunos e do mundo atual.

Na maior parte das vezes o professor apresenta ou desdobra a aula filosófica partindo de uma “intervenção filosófica, seja sobre textos filosóficos, sobre problemáticas filosóficas tradicionais, seja até mesmo sobre temáticas não habituais da filosofia, enfocadas desde uma perspectiva filosófica”, segundo Cerletti (2009, p. 19). Ou seja, é uma proposta que parte dos conceitos e busca a sua aplicabilidade na vida real. Gallo (2011, p. 2), contudo, apresenta um processo metodológico de ensino diferente, que parte da realidade e busca nos conceitos explicações, no qual os “conteúdos são organizados em torno dos problemas tratados pela filosofia”, envolvendo a História da Filosofia e os temas filosóficos, mas possibilitando algo mais, “a filosofia como uma ação, uma atividade, posto que se organiza em torno daquilo que motiva e impulsiona o filosofar, isto é, o problema” (Gallo, 2010, p. 163). Esse problematizar deve ser algo passível de dúvida e verificação, isto é, deve ser um problema filosófico, concreto e que pode ser alvo do problematizar filosófico como atitude crítica.

Nessa abordagem, segundo Silveira (2011), a prática pedagógica

não tem que partir do zero. Afinal, muitos dos problemas com que nos deparamos nos dias de hoje já foram objeto da investigação de filósofos do passado e mesmo do presente, os quais nos legaram contribuições de enorme relevância para a compreensão e o enfrentamento desses problemas. Dessa maneira, o filosofar que praticamos hoje deve se valer dessas contribuições, incorporando em sua problematização as perguntas, os conceitos, as teorias e os métodos elaborados pelos filósofos ao longo da história. É evidente que isso exige do sujeito que pratica esse filosofar uma opção por esta ou aquela abordagem filosófica, por este ou aquele pensador. E essa opção é, a um só tempo, epistemológica e política. Mas, seja como for, o recurso aos filósofos, isto é, à História da Filosofia, é essencial para que a compreensão do problema investigado avance qualitativamente em relação ao senso comum e propicie sua crítica e sua superação (p. 148).

No cerne dessa proposta há uma íntima tensão e relação sobre quais conteúdos ensinar e como ensinar a filosofia, uma vez que o “filosofar se apoia na inquietude de formular e formular-se perguntas e buscar respostas (o desejo de saber)”, como observa Cerletti (2009, p. 20). Percebemos como a prática docente precisa de bases pedagógicas e instrumentos didáticos para atingir o seu objeto, que é o conhecimento, aqui filosófico,

do aluno. Não basta para isso somente estudar autores e conceitos antigos, reproduzindo-os e sem buscar um potencial novo e criativo de envolver o aluno, ou seja, é um processo.

Gallo (2007) faz alusão aos alertas de Deleuze e Guattari para que a reflexão filosófica e seus conceitos sejam vistos como afetos que nos tocam, marcam, e isso afeta como os acolhermos e as relações que estabelecemos com eles.

Com Deleuze e Guattari, aprendemos que o conceito é a instituição de um acontecimento, que, por sua vez, é produzido pela filosofia. O conceito é um exercício de paciência, um investimento dos pensamentos sobre si mesmo, marcado pela materialidade de um plano de imanência. Ele – o conceito – é suscitado por problemas vividos na pele, sentidos com toda a intensidade. No entanto, os problemas não podem ser resolvidos de um golpe; é aí que entra em cena o trabalho com a paciência do conceito que envolve visitas aos filósofos, aos textos clássicos da história da filosofia, aos conceitos já criados, não para tomá-los de forma acrítica, mas para recriar ou mesmo criar o novo, se o problema em questão assim o exigir (Gallo, 2007, p. 281).

Assim, vemos que para a filosofia no ato de problematizar a aprendizagem, não cabe o conceito “representar, definir, o que significa paralisar o pensamento” (Gallo, 2008, p. 65), portanto, deve-se considerar que ele permite experiências, conectividade, sintagmatização, e desse modo, cada conceito não representa algo por si só, mas possibilita responder a um impasse, problema a partir de provocações, novos problemas e conexões que são estimuladas. Os conceitos, então, não são uma representação, ou uma compreensão estática e final do problema.

A compreensão, o que faz, é imobilizar o pensamento, na medida em que apresenta a resposta para um problema. Se o problema está resolvido, já não é necessário pensar. Os conceitos, ao contrário, são mobilizadores e motores do pensamento, estão para fazer pensar, não para paralisar, imobilizar o pensamento (Gallo, 2008, p. 66).

Desta forma, percebemos a importância filosófica que desempenham os problemas reais e atuais. Não podemos apenas rever o passado – temas, autores e clássicos – sem situá-los no presente concreto e cotidiano, sem entendê-los e, a partir deles, pensar o futuro. Propondo a mudança de eixo no ensino de filosofia para uma experiência viva e concreta do pensamento conceitual, Gallo (2008) destaca que essa é a importância e contribuição da filosofia à práxis educacional. Para o autor, o pensar é conectar, e desde seus primórdios a filosofia “inventa, na pura imanência, o pensamento por conceitos, à distinção do pensamento por figura dos antigos sábios e religiosos, com seu apelo pela transcendência. [...] o conceito é sintagmático, conectivo, vicinal e consistente” (Gallo, 2008, p. 59).

A experiência do pensamento conceitual, de recriar e criar-se novamente, permite ir além da oralidade, das narrativas e do pensamento por imagens abstratas e deslocadas da realidade. Possibilita ir além da escrita, da teoria, da transmissão do saber, como algo fixo e dado de uma vez por todas. Isto é filosofar, isto é pensar, é aprender significativamente. Um movimento contínuo, aberto à crítica, ao questionar. Esse é o movimento da filosofia, este é o movimento do pensamento. E isso não se assenta na transmissão do ensino, na qual o pensar é definido por pressupostos que determinam antecipadamente o que será pensado e conhecido por quem pensa.

Para promover esse modelo de educação filosófica é preciso um arrombo, um sacudir, o que pode ser possível a partir do uso dos problemas filosóficos. Trata-se de um movimento em que “o pensamento criativo nasce da violência do problema, constrói-se singularmente em cada experiência, para advir em algo que não fornece um panorama de respostas, mas convida ao pensamento, na medida em que mobiliza novos problemas” (Gallo, 2008, p. 70).

Diante desse ato de filosofar, problematizando-se as formas de pensar, podemos alcançar o que é um sonho almejado pela prática docente e educação brasileira, uma aprendizagem efetiva e significativa dos estudantes, voltada à compreensão de sua realidade, sua vida e do mundo em que vivemos. Essa experiência do pensamento é marcante e inesquecível, e se trata de um processo que não termina, provoca novos começos e buscas por novas respostas, pois como conclui Gallo (2008, p. 70), “problema suscita conceitos, e conceito suscita problemas. Uns retornam sobre os outros produzindo novas experiências de pensamento.”

Assim, continua Gallo (2008, p. 73), ressaltando que

[...] investir no exercício da filosofia como experiência do pensamento, com o trato com os conceitos [problemas], precisamos mudar o foco do *ensino* para o *aprendizado*. Isto é, deslocar o processo educativo da filosofia do “ensinar a pensar”, foco serializante e generalizante que parte do professor e de seu método para atingir coletivos de estudantes, para um “aprender a pensar”, em que o foco esteja no processo singular de pensamento de cada um. E, para isso, não há método [engessamento].

A filosofia, por meio dos problemas filosóficos, expande as experiências do processo de aprendizagem, pois “pensamos apenas quando organizamos uma representação universal das coisas, isto é, quando articulamos conceitos” (Gallo, 2008, p. 63-64). Com o pensamento por meio do conceito vivo o estudante é estimulado ao exercício crítico e criativo da filosofia. Ao lidar com tais formas de conhecimentos ele pensa com autonomia, criticidade, e produz novos questionamentos, os quais geram novas reflexões e outros problemas.

Assim, precisamos ainda mais pensar de outra forma, produzir conhecimentos e reproduzir menos pensamentos e conhecimentos prontos e dados como já compreendidos e superados. De tal modo,

precisamos fazer escolhas: ou ficamos presos a padrões intelectuais e educativos que buscam inculcar nas gerações mais novos valores e saberes prontos e acabados [...] ou buscamos um contexto educacional que não abre mão do conhecimento historicamente elaborado, mas também não deixa de lado a experiência de vida prática e cotidiana em que os indivíduos estão inseridos (Fávero; Tonieto, 2009, p.131).

A filosofia, portanto, pode possibilitar um processo criativo crítico, permeado por arrombos, espanto e admiração, rompendo o preestabelecido (Silveira, 2011).

Evidentemente que, para isso, é necessário avançar além de um processo educativo voltado ao ensino baseado no treinamento/adestramento, na repetição/

transmissão do mesmo: do passado, da história, das experiências do docente, de um universo que, hoje, já não é mais nosso e não tem nossa identidade.

UMA METODOLOGIA DE ENSINO DOS PROBLEMAS FILOSÓFICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESTIMULAR O PENSAMENTO CRÍTICO

Pensou-se em abordar nessa parte do trabalho uma metodologia de ensino com base nos problemas filosóficos, para mostrar como o professor pode organizar essa proposta e qual a sua contribuição para estimular o pensar crítico na Educação Básica.

Trata-se de uma metodologia que busca penetrar na prática pedagógica e suscitar o espanto do filosofar. Volta-se a uma prática provocadora em que se toma conhecimento do caráter transformador que a filosofia pode desempenhar na educação básica por meio dos problemas filosóficos.

Sustenta-se, portanto, em uma proposta metodológica para superar o assujeitamento de metodologias que visam à reprodução do mesmo, do senso comum acerca do cotidiano, investindo em uma atitude questionadora do estudante, no ato de não se naturalizar e acomodar com a realidade, podendo refletir e transformá-la.

Vai além de conteúdos abordados de forma passiva, com provas e avaliações que rotulam a quantidade de erros e acertos, que enfrente os desafios de uma realidade de estudantes com fracos questionamentos ao se depararem com caminhos de pensamentos jamais percorridos antes. Concorda-se, nesse sentido, que

se quem filosofa é aquele que se encontra entre a sabedoria e a ignorância, então o ponto de partida do filosofar é a pergunta, isto é, a atitude de inquietação, de insatisfação, de espanto, de admiração, de disposição para a investigação, para a pesquisa, que impulsiona à busca do saber (Silveira, 2011, p. 142).

Para desenvolver tal experiência do pensamento mediante o uso de problemas filosóficos – criando e recriando conceitos para entender a realidade, Gallo (2011) sugere quatro passos didáticos para desenvolver a aula de filosofia:

- Sensibilizar: é o ato de apresentar um tema, através de uma chamada, um recurso, para despertar para a questão-problema.
- Problematizar: transformar o tema em problema filosófico – buscar o senso crítico, a investigação.
- Investigar: recorrer no tema, a autores e conceitos – mas também reinventar o significado desses conceitos.
- Conceitualizar: momento de buscar conceitos, e apropriar-se deles, ressignificando-os, elaborando-se outros conceitos, recriando as concepções e formulando novos problemas. É um movimento de pensamento para uma possível resposta ao problema, a partir da experiência ativa do pensamento conceitual.

Já para Silveira (2011, p. 144), o questionamento é o ponto de partida do ato de filosofar, pois, “não existe filosofar sem problematização do mundo da vida, da realidade, dos valores, das opiniões, do saber. Se tudo é aceito como verdade irretocável, não há razão para perguntar, para investigar e, portanto, para filosofar.”

O problema, portanto, é algo não respondido, passível de verificação e questionamento. “A problematização, por sua vez, está diretamente associada à atitude crítica”, e neste processo, cabe ao professor (filósofo) fazer a mediação e “problematizar esse conteúdo, salientando a necessidade de seu estudo” (Silveira, 2011, p. 145).

Tal problematização do conteúdo deve ser conectada à realidade dos alunos e através do pensamento de filósofos historicamente contextualizados atrelado a uma metodologia histórica-problematizadora do conhecimento. Conforme o autor, trata-se de um aprender segundo uma “concepção histórico-problematizadora do ensino da filosofia” (Silveira, 2011, p. 152).

Vê-se que metodologias de ensino que utilizam propostas como a suscitada pelos problemas filosóficos, que se baseiam na experiência de pensar, do aprender a filosofar – começam com o surgimento e identificação de um problema filosófico, como um convite e arrombo, problematizando-o, colocando-o em confronto, analisando possibilidades, pensares de resolução e têm como ato final o aprendiz, fazendo uma jornada única, inédita – gerando a aprendizagem, a experiência – que é o encontro com significados e novos problemas – novos pensares.

É um diálogo singular do aprendiz com seu pensamento e cultura. Um aprendizado significativo. Um processo educativo que valoriza o processo de pensar. Conforme Gallo (2008), tal processo é um aprender por conceitos na forma de problemas, um aprender a pensar.

Ou seja, tem-se nos problemas filosóficos uma proposta de metodologia de ensino pertinente para desenvolver o pensamento crítico na Educação Básica. A aprendizagem por problemas filosóficos não permite parar, estacionar – é necessário avançar, buscando refletir e recontextualizá-la permanentemente. Manter-se aberto ao novo, ao questionar, ao buscar e ao recriar.

A experiência de aprendizagem por meio de problemas filosóficos é estimulante. Tal abordagem da filosofia desperta e motiva a reflexão do filosofar sobre problemas. Ao se questionar, investiga-se temas, autores, conceitos, que permitem a busca de novos significados, baseando-se no conceituar enquanto movimento do pensar.

Assim, o processo educativo quando é intencionalmente questionador contribui para a compreensão de problemas de forma crítica, suscita novas reflexões, formula concepções e a partir destes incita a análise e até a transformação da realidade.

O ensinar de filosofia mediante problemas filosóficos coloca em movimento o educador e o educando. Por isso Saviani (1973) propõe um processo metodológico que leve educador e educando a filosofar, também por meio dos problemas filosóficos, como possíveis soluções para o complexo conflito entre a filosofia de vida e orientações ideológicas sem função social e prática da filosofia. Sua sequência e esquematização dialética para tal ato compõe-se de: Ação – Problema – Reflexão – Ação.

Já Tomazetti (2012, p. 96) sugere o ensino de filosofia “como atividade de criação de conceitos, a aula de filosofia como oficina de conceitos, como empreendimento dinâmico e vivo, sempre criada e recriada. Os problemas filosóficos devem ter significação existencial para os estudantes”.

Esse processo de compreensão e reflexão – questionamentos (em que novas ações suscitam novos problemas), é campo fértil e criativo para o desenvolvimento do ato filosófico, para a experiência do pensamento individual, crítico e emancipatório para a qual a filosofia é sempre necessária na vida do estudante em sua individualidade e na vida em sociedade.

Para tal, precisamos utilizar uma metodologia que incentive ações de investigar, refletir acerca de uma determinada situação-problema. Não por menos Araújo (2020) destaca o papel do professor-filósofo, que pela mediação da filosofia estimula o pensar crítico, relacionando a educação à realidade e ao cotidiano por intermédio dos problemas. Ensinar filosofia mexe com a prática e reflexão docente. O refletir é intimamente ligado a um problema, o qual precisa afetar, tendo relevância e sendo conectado à realidade do educando, para permitir uma experiência de ensino-aprendizagem que leva ao problematizar pela filosofia.

Almejamos uma pedagogia com significado para o aluno, mas não uma pedagogia sem mediação e intencionalidade pedagógica, que desconsidere o papel do professor e deixe o aluno livre, sem referenciais filosóficos. Que seja voltada a problemas filosóficos (Barbosa, 2008) e necessariamente, sim, uma pedagogia crítica (Saviani, 1991), construída por conhecimento sistematizado, conectado à realidade e significativo, humana e socialmente, para o sujeito e sua consciência crítica.

Assim, importa a atitude do professor-filósofo, não apenas como repetidor do modelo hegemônico de ensino e prática pedagógica, mas mediador de um filosofar situado e contextualizado, tal qual sugere Galeffi (2013, p. 53), que “nos convoca a pensar a emergência de outra educação básica que tenha a atitude filosófica como campo de reunião de todos os saberes e afazeres”.

Essa jornada seria, então, uma proposta de experiência do pensamento para a criação e recriação de conceitos mediante problemas filosóficos e não mais uma jornada repetitiva ou previsível, mas criativa e produtiva.

Assim, quando se afirma que a Filosofia, em geral, e a Filosofia da Educação, em particular, é uma atividade reflexiva ou então uma atividade criadora de conceitos, está-se referindo ao modo do exercício do próprio ato de pensar, de conhecer. [...] Com efeito, como refletir sem criar conceito? [...] A Filosofia, como de resto todo o conhecimento humano, não se legitimaria se não participasse da tarefa de construir sentido para a existência humana. [...] É esse o modo pelo qual a Filosofia demonstra e realiza sua “utilidade”. Contribui com a vida real das pessoas, explicitando sentidos para sua existência histórica. E, no caso da Filosofia da Educação, faz isso explicitando sentidos norteadores para a prática educativa, em íntima colaboração e parceria com as demais modalidades de conhecimento, com as demais ciências e saberes da educação. E certamente ela desempenha sua tarefa construindo (Severino, 2015, p. 31-32).

Sim, a filosofia permite uma forma de compreender e refletir o saber e a nossa realidade. Ao encarar e questionar os problemas e práticas educacionais, surge então a importância e necessidade de reflexão filosófica pelo educador – para que o processo educativo emancipe o indivíduo, formando-o para o desenvolvimento do pensamento crítico. E isso precisa começar cedo, logo, desde a Educação Básica.

Deste modo, é possível desde a Educação Básica a busca em desenvolver essa consciência para a emancipação, como por meio do ato de filosofar, acontecimento este que pode ser intencionalmente provocado pelos problemas filosóficos. Chegamos a uma possível proposta de ensino a partir do uso dos problemas filosóficos, a fim de filosofar na Educação Básica. Que reconheça os educandos como protagonistas de sua história e aprendizagens, e com isso, portadores de argumentos e posicionamentos fundamentados, com subsídios capazes de transformar seus contextos e realidades, que torne o conhecimento em ação e transformação.

Neste caminho, o docente pode tornar-se revolucionário ao buscar romper com um modelo cujo conteúdo historicamente construído é tido como predominante para orientar o processo de ensino baseado na repetição e ir em busca de uma nova proposta pedagógica problematizadora, instigadora e significativa.

A transposição da realidade em conhecimentos científicos elaborados envolve-se em uma cultura de pensamento por meio de pontes, conexões que se estabelecem e estão sempre em constante transição. Pensar é conectar. Pensar é construir pontes (Gallo, 2008). Assim, enquanto a metodologia aqui defendida estabelece conexões, ela também desestabiliza e restabelece novas por se tratar de concepções que se modificam constantemente, pois permite tirar medidas e realizar novas conclusões – valorizando o poder criativo do pensamento, a autonomia, a crítica.

A prática docente, a partir do uso de problemas filosóficos não inibe, mas amplia o poder criativo, a reflexão e experiência do pensamento. Assim, tanto na sua formação quanto nas suas práticas o docente precisa conectar a filosofia e a educação, pois

[...] observamos o quanto a Filosofia da Educação oportuniza os profissionais a compreenderem e elaborarem operações críticas, criativas, arrojadas, podendo desenvolver com especial devoção, a curiosidade e a sensibilidade pelo existir e o experimentar humanos. Se a existência humana é marcada pela educabilidade, então, os interesses da filosofia efetivamente se cruzam pelos da educação (Henning, 2015, p. 96).

Assim, a filosofia na Educação Básica não pode ser apenas um ato de fundamentação teórica na e para a educação, como uma reflexão apenas teórica e sem relações com a realidade e prática social. A base da prática pedagógica precisa considerar o ato de filosofar com importância, com a busca e a criação de novos conceitos e análises a partir deles.

Esse potencial criativo e produtivo, aponta Gallo (2007, p. 276), é a grande contribuição da filosofia, pois ela é “uma atividade, uma prática e uma criação” que desperta a atividade do pensar. A problematização filosófica permite, assim, uma filosofia viva.

CONCLUSÃO

Com base no objetivo geral e nos objetivos específicos desdobrados para atender ao objetivo maior, os debates realizados ao longo dos estudos e as leituras selecionadas para o desenvolvimento dessa pesquisa permitiram algumas conclusões.

Objetivava-se investigar a contribuição dos problemas filosóficos como metodologia de ensino para estimular o pensar crítico na Educação Básica. Entre os objetivos específicos do trabalho contextualizou-se a realidade de como tem sido abordada a filosofia na escola, destacando de que maneira o pensar filosófico pode ser trabalhado na Educação Básica. Analisaram-se perspectivas que subsidiam uma prática educativa para estimular o pensar crítico na sociedade e apresentou-se as possibilidades da abordagem que se tem chamado de problemas filosóficos. Além de explicitar a perspectiva da proposta de ensino com base nos problemas filosóficos abordou-se uma metodologia de ensino baseada nos problemas filosóficos e sua contribuição para estimular o pensar crítico na Educação Básica.

A partir da institucionalização do ensino da filosofia na educação brasileira, diferentes práticas educativas e reflexivas emergem e apontam várias possibilidades, com desafios para elaborar conhecimentos científicos e desenvolver o ser humano como ser social, cultural, político. Isso requer uma prática docente preparada para estimular o pensar, orientada pela inquietação e pelo questionar.

Assim, analisou-se na primeira parte da pesquisa como o modo de pensar filosófico, objeto da filosofia, tem sido trabalhado na Educação Básica. E, nesse contexto, reconheceu-se que o objeto da filosofia não é predeterminado, de tal modo os objetivos da aprendizagem também não o podem ser. Não se pode, nesse contexto, manter o modelo de formação escolar tal qual ele é e inserir o ensino de filosofia nele acriticamente, com uma forma de ensino baseada na transmissão de conhecimentos, de maneira estática e linear, na forma de um pensamento pronto e definitivo.

Diante de tal realidade, a filosofia deve ser envolvida em uma forma de ensino que valorize o pensamento como construção e processo, problematizando-se conhecimentos à medida que temas e conteúdos são trazidos à reflexão, com vista ao desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, para significar tal processo e impactar seu cotidiano.

Na segunda parte do artigo refletiu-se sobre a inserção da filosofia na prática educativa, analisando-se as possibilidades do uso dos problemas filosóficos. O ensino por meio dos problemas filosóficos apresenta-se como uma oportuna forma de conectar os conteúdos de ensino à realidade.

É uma prática educativa que privilegia o processo de pensar o movimento do pensamento por meio da problematização. Por ser uma jornada de experiência do pensamento a partir do cotidiano, é um processo que não finda, que provoca novos começos e buscas por novas respostas.

Para que isso ocorra, no entanto, verificou-se a necessidade do saber pensar filosoficamente fazer parte da formação e prática pedagógica, e deve ser desenvolvido o aprender a pensar docente, não se limitando a uma compreensão estática dos conteúdos por meio de seus conceitos, buscando um processo de ensino-aprendizagem enquanto uma verdadeira experiência para desenvolver o pensamento.

Assim, o ensino de filosofia por meio de problemas filosóficos está diretamente ligado à ação e mediação docente, no sentido de que exige deste ter claras concepções e ferramentas pedagógicas para abordar uma filosofia articulada com a realidade. Deste modo, será possível a intencionalização e significação do ensino, com referência e

sustentação na história da filosofia e debates contextualizados, estimulando o pensar crítico de modo problematizador, formando sujeitos capazes de entender, refletir, pensar e repensar seu contexto real de vida.

Sobre isso, compreende-se que merece atenção a necessidade de novos estudos que analisem a formação inicial e continuada de professores na área de Filosofia da Educação, voltando-se ao estímulo do pensamento crítico e questionador do professor, para que este possa desenvolver metodologias, como a de problemas filosóficos, norteando suas ideias e prática docente no sentido de um educar intencional, com concepções de vida e mundo para a compreensão e transformação.

Na terceira e última parte da pesquisa buscou-se explicitar a organização de uma metodologia de ensino para estimular o pensar a partir de problemas filosóficos. Acredita-se na potencialidade metodológica que transcende aquela que, tradicionalmente, ao longo da História, sustenta a prática educativa e que se baseia na sua reprodução.

Por meio da atitude questionadora instigada no estudante, tem-se perspectivas para não se acomodar a tal realidade. O ensino na Educação Básica por meio de problemas filosóficos como metodologia, possibilita formar seres ativos em sociedade, ao desenvolver o pensamento crítico mediante questionamentos e inquietações filosóficas, alcançando-se como resultado a formação de um ser inquieto, que não se permite parar, estacionar, que busca reflexões constantes e permanentes sobre o que está dado.

O docente ao desenvolver suas aulas por este caminho pode romper com um modelo de ensino construído historicamente, não aceitando apenas reproduzir este – e unicamente este – modelo baseado na repetição. Pelo contrário, assume uma postura em que problematizará e promoverá métodos de ensinar contextualizados e significativos de fato. Assim, tem-se uma transcendência de pensamentos distantes do senso comum a uma atitude filosófica, mediada por conexões e constante reflexão.

Essa constitui-se em uma perspectiva potencializadora do pensamento crítico, na medida em que dá abertura ao dialogar com os saberes e vivências práticas dos estudantes. Neste modelo de ensino o professor estimula um novo sentido para a educação, que é baseado na realidade dos alunos, em sua prática de vida e compreensão do mundo.

Entende-se que os debates e propostas para o ensino de filosofia aqui apresentados podem permitir lugar e papel para a filosofia na Educação Básica (conectando filosofia e educação). A partir do processo de significação e contextualização para os alunos, alvos do processo educacional – por meio de uma proposta de educação voltada à realidade e necessidade do aluno impactada pela reflexão filosófica, na qual ensinar filosofia se concretiza como o que se defendeu ao longo deste estudo, ensinando-se a filosofar e a pensar criticamente sobre tal pensar.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Otávio S. de. Questionando a experiência docente e a formação docente. *Revista Enciclopédia de Filosofia*, Pelotas, v. 7, p. 89-99, verão 2020.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. In: HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

- BARBOSA, Carlos Luis de A. Didática e filosofia no ensino médio: um diálogo possível. *Revista Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 136-142, maio/ago. 2008.
- BENETTI, Cláudia Cisiane; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. Entrevista com o professor Silvio Gallo: O ensino de filosofia no novo cenário político brasileiro. *REFilo, Revista Digital de Ensino de Filosofia*, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 104-105, jul./dez, 2016.
- CARSPECKEN, Phil Francis. Pesquisa Qualitativa Crítica: conceitos básicos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 395-424, maio/ago. 2011.
- CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FÁVERO, Altair Alberto *et al.* O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 24, n. 64, p. 257-284, set./dez. 2004.
- FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. Reconstrução da experiência e educação: a relação entre filosofia e pedagogia no pensamento de John Dewey. *Revista Contexto e Educação*, v. 24, n. 82, p. 111-134, jul./dez, 2009.
- GALEFFI, Dante Augusto. Educação e filosofia: o filosofar como atividade formativa transdisciplinar na Educação Básica. *Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 39, p. 41-54, jan./jun. 2013.
- GALLO, Silvio. Chegou a hora da filosofia. *Revista Educação*, São Paulo, n. 116, set. 2011.
- GALLO, Silvio. Filosofia da Educação no Brasil do século XX: da crítica ao conceito. *EccoS Revista Científica*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 261-284, jul./dez. 2007.
- GALLO, Silvio. Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na Educação Básica. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 55-78, jul./dez. 2008.
- GALLO, Sílvio. Filosofia. *Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos*. Coord. Gabriele Cornelli, Marcelo Marques e Marcio Danelon. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria da Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 14).
- GOOGLE ACADÊMICO. Guia de dados de pesquisa [on-line]. *Google Acadêmico*, 2022. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- HENNING, Leoni Maria Padilha. As relações problemáticas da filosofia e educação no Brasil: um exercício da filosofia da educação. *Revista História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 2, p. 85-99, set. 2015.
- MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.
- PLATÃO. Teeteto. In: HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.
- RODRIGUES, Ricardo Antonio; SOUZA, Lavarda Ramos; RIBEIRO, Liára Colpo. A filosofia e a história da ciência como estratégia para ressignificar o ensino do currículo integrado. *Revista Contexto e Educação*, Ijuí: Editora Unijuí, 2020.
- SAVIANI, Dermeval. A filosofia na formação do educador. In: *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 1973.
- SAVIANI, Dermeval. Contribuições da filosofia para a educação. *Em Aberto*, Brasília, ano 9, n. 45, p. 3-18, jan./mar. 1990.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1996.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- SCIELO. Guia de dados de pesquisa [on-line]. *SciELO*, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 12 jul. 2022.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. A filosofia da educação brasileira. In: MENDES, D. T. *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Do estatuto epistemológico da filosofia da educação: o embate entre reflexão e criação de conceitos. *Educ. Foco*, Juiz de Fora, v. 20, n.1, p. 15-38, 2015.
- SILVEIRA, Renê José Trentin. Ensino de filosofia de uma perspectiva histórico- problematizadora. *Educação em Revista*, Marília, v. 12, n. 1, p. 139-154, jan/jun. 2011.

TOMAZETTI, Elisete M. *Filosofia da educação* – um estudo sobre a história da disciplina no Brasil. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

TOMAZETTI, Elisete M. Produção discursiva sobre ensino e aprendizagem filosófica. *Educar em Revista [on-line]*, Curitiba, n. 46, p. 83-98, out./dez. 2012.

A pesquisa foi realizada nos municípios de Campo Bom, Pelotas e Novo Hamburgo/Rio Grande do Sul, como requisito de conclusão do curso de Especialização em Ensino de Filosofia/UFPeL.

Autora correspondente:

Paula Luana Oliveira

Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo

Novo Hamburgo/RS

e-mail: paula.o@ienh.com.br

Todo conteúdo da Revista Contexto & Educação
está sob Licença Creative Commons CC – By 4.0.